

OTELO E DOM CASMURRO, uma análise do ciúme

Martha Dreyer de Andrade Silva*

INTRODUÇÃO

Existem várias alusões à obra de William Shakespeare - sobretudo à tragédia shakespeariana - na obra de Machado de Assis. Pode-se, como fez Eugênio Gomes (GOMES, 1976), citar quais as tragédias onde recaiu a preferência de Machado: Macbeth, Hamlet, Romeu e Julieta, e Otelo. É óbvio que o que ocorre na obra machadiana não é mera alusão a Shakespeare, mas a comprovada influência da tragédia inglesa sobre a obra do autor brasileiro.

Conforme Jan Kott, "cada época fabricou o Shakespeare que lhe convinha", e, ainda, sobre Otelo, diz o crítico que esta é "a mais oitocentista de todas as peças de Shakespeare (...). 'Otelo' convinha a todos os teatros do século XIX" (KOTT, 1961), por ser uma peça que possuía cor local, mostrava caracteres fortes, paixões, história, psicologia e realismo. Esta idéia surgiu de sua segunda representação, na França, em 1829.

Ora, ao século XIX também pertence Machado de Assis, e, ao menos no Brasil, o final desse século foi dele. Por isso, o centro de interesse deste trabalho é a tragédia Otelo de Shakespeare, em comparação com o romance Dom Casmurro de Machado de Assis, numa tentativa de aproximar as duas obras do ponto de vista do ciúme, que é elemento de relevância nas duas narrativas. Diz ainda o já citado Eugênio Gomes (GOMES, 1958) que, à época de elaboração de Dom Casmurro, o modelo universal do ciúme era o Otelo de Shakespeare.

As referências a Otelo são até mesmo frequentes em Machado de Assis. Há referências em Quincas Borba, em Memórias Póstumas de Brás Cubas e em crônicas de A Semana, por exemplo. Mas é em Dom Casmurro onde se encontram as referências mais "fortes" a esta tragédia de Shakespeare.

Cabe dizer que o traço mais forte de aproximação

* Acadêmica do Curso de Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

entre Otelo e Dom Casmurro é o ciúme que os protagonistas masculinos expressam. Sabe-se, porém, que o desfecho de Otelo difere do de Dom Casmurro num ponto: Capitu não morre assassinada pelo marido como Desdêmona. A personagem de Machado morre também, de modo natural, longe das mãos do marido e longo tempo após sua separação dele. Bentinho apenas por um momento pensou num fim semelhante ao de Desdêmona, ao sair de um teatro onde se encenava o Otelo de Shakespeare:

"Jantei fora. De noite fui ao teatro. representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto e estimei a coincidência. (...) O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer." (Dom Casmurro, p. 142)

Bento não mata Capitu, não se suicida - sua verdadeira intenção -, e também não comete o infanticídio, seu segundo impulso. Aí passa mais uma diferença entre Otelo e o romance de Machado. Do que se tem certeza é que a mente de Bento é tão atormentada pelo ciúme como a do mouro Otelo, com a exceção de que é Iago, o alferes de Otelo, quem provoca as situações de ciúme e de ódio na narrativa de Shakespeare, enquanto que Bento/Dom Casmurro é atormentado pela própria mente.

Eugênio Gomes (GOMES, 1958) e John Gledson (GLEDSON, 1991) são unânimes na afirmação de que o primeiro modelo de ciúme criado por Machado de Assis é a obra Ressurreição (1872), e nela a personagem Félix, que ameaça um rompimento de relações com a amada Lúvia por causa de uma carta anônima por ela recebida. Também nesta história é possível notar uma "insinuação" de Iago na personagem Luísa Batista, que, conforme se descobre ao final, é o autor da carta anônima.

Mas a obra de Machado, pode-se dizer, evoluiu da primeira fase (de Ressurreição a Iaiá Garcia, de 1878) à segunda fase, inaugurada por Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881). O romance Dom Casmurro pertence a esta nova e mais madura fase de Machado de Assis e, se a obra e o autor evoluíram, a influência de Shakespeare também pode ser vista de outra maneira.

Comprova-se isto se compararmos Ressurreição com Dom Casmurro: da quase ingênua trama da primeira obra, isto é, um homem e uma mulher viúva anônima, a suspeita da infidelidade e a relação desfeita no final, passamos à trama densa de Dom Casmurro, onde quase os mesmos elementos de Ressurreição são tratados de modo mais detalhado, dando lugar à narrativa psicológica. Desta vez, não se vê apenas o "con-

traste de dois caracteres", intenção de Machado ao escrever Ressurreição, mas se vê a construção de personagens de caráter humano, capazes, de uma ou outra forma, de pensarem e agirem frente aos elementos que compõem a narrativa, tais como, o amor, a dúvida, o ódio, as situações de adultério e separação e, sobretudo, em Dom Casmurro, o ciúme.

Será através do ciúme expresso por Bento que se perceberá, de modo mais claro e mais profundo que em Ressurreição, a influência do Otelo de Shakespeare sobre a obra de Machado em questão. A narrativa de Bento/Dom Casmurro ocorre paralelamente à situação de certeza sobre a verdade aparente de Otelo e de Iago em Shakespeare.

1) "DOM CASMURRO", A NARRATIVA DO CIÚME.

Já foi dito que a narrativa de Otelo foi, por tempos, um modelo do ciúme na Literatura Ocidental. De fato, nesta trama não há o adultério: Desdêmona é inocente, fiel até a hora da morte. O único adultério que ocorre na história é o das situações por intermédio de Iago, figura instigante para os críticos. Aos olhos dos românticos, um "gênio do mal"; e, para outros, posteriores, um arrivista, alguém cujo ódio tem, no fundo um quê de ambição desmedida, um ciúme de tudo e de todos, uma eterna insatisfação. Este Iago, adulterador dos fatos que envolvem Desdêmona e Cássio, o lugar-tenente de Otelo, é quem vai provocar no mouro o ciúme que o vai atormentar até que este resolva pelo assassinio da esposa e, após a verdade, sobre a inocência de Desdêmona vir à tona, pelo suicídio também.

O caso de Dom Casmurro é similar. O que move o narrador, o introvertido Bento, é o ciúme que leva à suspeita da infidelidade de Capitu. De fato, não é claro que Capitu seja culpada de adultério, uma vez que é pelos olhos de Bento que a história é narrada, não se sabendo do pensamento de Capitu, que, por longo foi, para a crítica tanto quanto para seu marido, um modelo de infidelidade.

Há que se cair, entretanto, numa análise mais profunda no que diz respeito à suspeita de Bento. Pelos olhos deste a narrativa se torna um jogo de claros e escuros, isto é, Bento nos faz perceber as personagens da maneira como ele as vê, e não como realmente são. Deste modo, instala-se uma luta: a verdade x a verossimilhança. A tendência de Bento é crer naquilo que lhe parece verdadeiro, que é, então, verossímil. Mas para ele isto é o suficiente: "A verossimilhança.. é muita vez toda a verdade", conforme o próprio Bento afirma. John Gledson (GLEDSON, 1991) é defensor desta idéia, deste

traço do caráter de Bento, a tendência a crer no verossímil e classifica esta tendência como o aspecto capital do caráter daquele personagem. Sendo desse modo, nada pode comprovar a culpa ou a inocência de Capitu e, por isso, temos em Dom Casmurro antes a prova de um ciúme doentio, modificador dos padrões da verdade, que a prova de uma traição.

2) UMA PARÁFRASE DE "OTELO".

A partir do casamento de Bentinho e Capitu, pode-se constatar uma espécie de mudança no narrador: aquele Bentinho que antes narrava sua recusa à vida sacerdotal para poder viver junto da companheira de infância, alcança seu intento, casando-se com Capitu e tornando-se Bento, ainda o filho da "santa" D. Glória, mas começando a dar sinais daquilo que mais tarde viria a ser a sua casmurrice. Capitu sempre foi, para Bento, motivo que despertava ciúmes.

É no capítulo LXII, "Uma Ponta de Lago", que aparecem pela primeira vez os ciúmes de Bento:

"Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando, pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra idéia... Outra idéia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias {...}"
(Dom Casmurro, p. 78).

Depois disso, Bentinho, já livre do seminário, vê novamente Capitu a lhe despertar ciúmes, não com um "peralta da vizinhança" como da vez anterior, mas com um cavalheiro dândi que passa à janela da vizinha, no capítulo LXXIII:

"Ora, o dândi do cavalo baio não passou como os outros; era a trombeta do juízo final e soou a tempo; assim faz o Destino, que é seu próprio contra-regra. O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás. Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu." (Dom Casmurro, p. 89-90)

Esta parte aproxima Capitu de Desdêmona através de

Bento, que, ao final do capítulo, enraivecido, sente vontade de cravar unhas no pescoço de Capitu, "até ver-lhe sair a vida com o sangue". Tal como o mouro que estrangula a esposa. Mas, pazes feitas após isso, e casamento realizado, o ciúme de Bento toma dimensões maiores ("Ciúmes do Mar", capítulo CVII), tendo ele ciúmes do que poderia estar na cabeça de sua mulher, que mirava o mar... Depois veio a suspeita doentia da infidelidade de Capitu.

A narrativa de Otelo pode ser vista sob este mesmo ângulo, por isso Dom Casmurro é passível de ser considerado uma paráfrase daquela obra de Shakespeare. É o ciúme o principal elemento que compõem Otelo, e o mouro, tanto quanto Bento, sofre por crer cegamente no que é verossímil, e não verdadeiro, uma vez que ele capta as situações pela ótica que Iago lhe impõe. Em ambos, em Bento e em Otelo, vemos a vontade paralisada e a incapacidade de agir contra esse fechamento para o mundo em favor da fé na verossimilhança.

(Essa espécie de "fechar-se em si mesmo" é característica de várias personagens de Machado de Assis. No Fêlix de Ressurreição há um início disso, embora, conforme o que foi antes analisado, esta narrativa careça da profundidade e da observação detalhada que há na frase posterior de Machado. Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, vemos o próprio narrador como um espectador de sua vida, possuindo também o traço de "vontade paralisada", vendo a vida como contínuo apodrecer, só podendo, então, ao final, concluir que não teve filhos e que, desse modo, a ninguém foi transmitido o legado da miséria: a vida. O Bento de Dom Casmurro é também um espectador da vida, da qual tenta "atar as duas pontas", mas paralisado na sua visão sobre o verossímil, trancando em si mesmo.)

Personagens como Bento são espécies de quartos fechados: o ser humano à volta de si mesmo e de seus fantasmas. Há em Bento, o que também se percebe no Otelo atingido pelas mentiras de Iago, uma marca de incapacidade de compreensão ou da não aceitação da vida e de si mesmo. Otelo, ao final da tragédia de Shakespeare, vê clareados os fatos e, tendo assassinado Desdêmona inocente, constata que não há mais chance para, como Bento, reatar a vida: parte para o suicídio. E Bento, só, separado de Capitu e do filho rejeitado Ezequiel, crê na possibilidade de "atar as duas pontas da vida", mas nem por isso passa a compreendê-la - a vida - ou enxergá-la de outro modo:

"O resto (do livro) é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da Capitu de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente (...) se

te lembra bem da Capitu menina, hã de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão estremosos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-se." (Dom Casmurro, p. 152)

"Qualquer que seja a solução", a expressão de Bento que pode ser mudada para "qualquer que seja a Capitu" - a que dissimulou desde menina ou desde o casamento, o que vale para ele, Bento, é crer nela como culpada de adultério, e em Escobar como "seu amigo e comborço". Na narrativa de Dom Casmurro, a verdade, ao contrário do que acontece em Otelo, não surge ao final. Desdêmona e Cássio são inocentes, já se tem certeza mesmo durante o desenvolver da trama. E Capitu e Escobar, culpados ou não, ficam à mercê da visão do narrador Bento/Dom Casmurro. A verdade não se tem ao certo; apenas o verossímil, que, no fundo, não poderia dar tanta certeza...

Augusto Meyer, em seu estudo sobre Machado de Assis, cita uma idéia que pode ser aplicada ao narrador de Dom Casmurro, fazendo com que este (narrador-personagem) possa ser identificado como um introverso:

"... são (os introvertidos) justamente aqueles que procuram com rigor a essência de si mesmos; a verdade mais íntima do próprio ser através da introspecção. Introverteram-se como os loucos. Não tem mais relações com o mundo da realidade objetiva, estão voltados para o outro lado de sua vida, conversando com seus fantasmas." (MEYER, 1935).

As personagens machadianas, em sua maioria, são sempre mostradas vivendo uma situação agônica ou angustiante. No caso de Bento, que é, realmente, uma personagem introvertida, o fato de não conhecer a verdade objetiva da situação, preferindo o nível da verossimilhança, levá-o a olhar para o mundo como uma ruína e para o ser humano como a própria miséria. A introversão de Bento surge como algo que Augusto Meyer, ainda, acusa de "ódio entranhado pela vida". Bento, entranhado em si, introvertido, de cara com seus fantasmas (o Bentinho de Matacavalos e o do seminário, o Escobar amigo, defunto e "terceiro", a Capitu "fruto dentro da casca" ou não, e mesmo a casa de Matacavalos, recuperada no Engenho No-

vo), prova este ódio de que fala Meyer através da solidão que a personagem acabou vivendo, do abismo interior em que caiu e no qual veio "resvalando" durante toda a narrativa. Por fim, veio a máscara de casmurrica que Bento passou a vestir.

Em Otelo, este ódio pela vida e pelo ser humano também aparece, mas não da mesma forma como em Dom Casmurro. Otelo fecha-se em si, deixa-se sem o saber, levar pela perfídia de Iago, acredita nas palavras deste e não contém o seu ciúme. Mata Desdêmona, que para ele simbolizava a pureza, a fidelidade, a "vida bela", enfim, antes da "traição". Tendo crido na verossimilhança dos fatos, cai no mesmo abismo interior em que cai o Bento de "Dom Casmurro" e, tendo visto a verdade depois, condena-se e morre.

3) BENTO E OTELO: A RELAÇÃO DO CIÚME DE AMBOS

Otelo condena-se por crer naquilo que lhe foi dado a ver como verdade. Bento permanece crendo no verossímil até o fim. Mas mesmo por estes fatos, é possível estabelecer uma relação entre o ciúme de que um e outro sofreram.

Otelo tem Iago a lhe ferir ouvidos e coração com mentiras sobre Desdêmona. O mouro passa, então, a decepcionar-se com a mulher. São suas únicas fraquezas crer no , que diz Iago e deixar-se cegar pelo ciúme. Otelo é um símbolo do homem correto, forte, invencível, que possui como ponto de vulnerabilidade o ciúme. Ao final, após ter assassinado Desdêmona, Otelo diz aos que estão à sua volta:

*"recuais de temor? É vão temor!
Basta que alguém encoste um trêmulo caníço
contra o peito de Otelo e ele retrai-se. Ah!
Que será de Otelo?" (Otelo, p. 189)*

Se Otelo representa o bem, mesmo vencido, Iago é visto como representante de mal, conforme já foi mencionado. Diz ele, ao perceber Otelo prostrado pelo ciúme da Desdêmona:

*"Atua, meu veneno, atua! É assim que se apañam os crédulos e os tolos e que muita mulher virtuosa e pura é inflamada sem culpa."
(Otelo, p.131)*

Nessa parte se encontra o verossímil que, para Otelo, foi a "verdade" que lhe faltava para crer na infidelidade de Desdêmona. A anterior fala de Iago pertence à cena da con-

versa entre este e Cássio, o dito traidor de Otelo. Ambos conversavam sobre Branca, amante de Cássio. Iago levou a conversa de modo que o nome de Branca não fosse pronunciado, para parecer que a mulher de quem falavam fosse Desdêmona. Tendo Otelo ficado oculto, a mando de Iago, ouviu a conversa e deu caminho ao ódio pela esposa.

Por aí - ainda pela fala anterior de Iago - é que se percebe que transparece também em "Otelo", como em "Dom Casmurro", uma espécie de ódio ou insatisfação pelo mundo. Iago é quem despreza o mundo, tanto quanto os seres humanos. Otelo é o contrário: para este, o mundo é belo e todos os homens são nobres. Diz Jan Kott:

"Se arrancarmos a "Otelo" o seu verniz romântico, tudo o que nele é ópera e melodrama, a tragédia do ciúme e da confiança enganada transformar-se-ão numa disputa entre Otelo e Iago, sobre a natureza do mundo. É que espécie de mundo é esse? Bom ou mau?" (KOTT, 1961)

O mesmo questionamento existe em Machado de Assis. Não é preciso, porém, retirar o "verniz romântico" do ciúme do Bento de Dom Casmurro, uma vez que é através desta personagem que o questionamento de Jan Kott se expressa. Bento, em si, é uma criança boa; o próprio nome - Bento, benedito, benedito - é capaz de mostrar isso. Mas, o que provém da já citada luta entre a verdade e a verossimilhança é justamente a luta entre o bem e o mal que todo ser humano carrega e trava consigo mesmo. Por isso pode-se dizer que é Bento mesmo quem possui "uma ponta de Iago" (e não José Dias, conforme o narrador insinua no capítulo que leva esse nome.) Esta idéia pode ser conferida novamente no seu próprio nome, Bento Santiago: o "Santo", o "bem" X "Iago", o "mal". O "mal", isto é, o "Iago" que há em Bento é sua mente, que crê em fatos verossímeis, como Otelo, sem procurarem, ambas as personagens, sua verdade objetiva. A afirmação de Bento, de que a verossimilhança muitas vezes é a verdade toda, assemelha-se muito ao que diz Iago:

"... como os ciumentos, chego a dar forma e realidade a coisas que não há." (Otelo, p. 100)

Portanto, há que se concluir que Bento não pode ser comparado exclusivamente a Otelo: Bento age (quase) como o mouro de Veneza, mas sua mente age como Iago.

Este "lago da mente" que faz Bento agir como Otelo, tras a ele novamente, os claros e escuros da narrativa de Dom Casmurro: as lembranças de Bento são as "inquieta sombras" através das quais não se percebe - por serem sombras - a verdade, a realidade sobre Capitu ou sobre ele mesmo, um "eu" perdido entre fantasmas.

4) CAPITU E A METÁFORA SHAKESPEAREANA DA ÁGUA

É comum a Machado de Assis e a Shakespeare a comparação da mulher com a água, a onda e o mar.

Antes de saber da verdade, Otelo, tendo já assassinado Desdêmona, diz à Emília, dama de companhia de sua esposa:

"... Quem a matou fui eu!

EMÍLIA: Ela era um anjo tão certo como sois um diabo negro!

OTELO: Corrompeu-se; tornou-se uma rameira.

EMÍLIA: Isso é uma calúnia! E tu és um demônio!

OTELO: Ela era volúvel como a água! (Otelo, p. 182)

Em Machado, a comparação da mulher com a água, tendo esta o significado da volubilidade ou da falsidade femininas, é anterior aos "olhos de ressaca" de Capitu. Em 1867 (Dom Casmurro é de 99), Machado publicou no "Jornal das Famílias" um conto intitulado "Onda", que narrava a volubilidade de uma jovem ao escolher seus pares, tendo recebido por isso o apelido de "Onda", de um poeta, também enamorado seu. Claro que esta "Onda" não tem a força da "ressaca" de Capitu, uma vez que já se dá "evolução" da obra de Machado a partir de 81, com a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas.

A Capitu de Dom Casmurro possui várias "escalas" de comparação com a água e com as divindades que dela provêm.

A primeira comparação é feita por Bento, no capítulo XXXII, intitulado "Olhos de Ressaca":

"Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. (...) Olhos de ressaca? Vã, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia nos dias de ressaca. (...) tão depressa

*buscava as pupilas, a onda que saía delas vi-
nha crescendo, cava e escura, ameaçando en-
volver-me, puxar-me e tragar-me." (Dom Cas-
murro, p. 45-46)*

Apesar da força avassaladora desta "ressaca", a comparação seguinte, ainda de Bento, é quase inocente: a personagem quis comparar Capitu à deusa Tétis, divindade marinha, bela e imortal, mãe de Aquiles.

Até aqui, os olhos de Capitu são alvos apenas de comparações, e mesmo ela própria é apenas comparada à deusa Tétis. A metáfora da água, que Machado certamente buscou em Shakespeare, aparece depois. O capítulo CXXIII tem o mesmo nome do já referido capítulo XXXII: Escobar está morto, é a hora de encomendação do corpo e Capitu fixa os olhos no defunto. Olha-o "tão apaixonadamente fixa" que assim Bento gravou a cena:

*"Momento houve em que os olhos de Capitu fi-
taram os do defundo quais os da viúva, sem o
pranto nem as palavras desta, mas grandes e
abertos, como a vaga do mar lá fora, como se
quisesse tragar também o nadador da manhã."
(Dom Casmurro, p. 134.)*

Aqui, a água, a ressaca, deixam de ser comparações aos olhos de Capitu para serem algo até mesmo mais abrangente do que pretendia a metáfora de Shakespeare, isto é, deixa de significar apenas a volubilidade da mulher para ser algo que, como uma verdadeira ressaca, na visão do narrador, poderia "tragar o nadador da manhã" (Escobar) e que, posteriormente, tornar-se-ia a causadora de todo o tumulto interior de Bento, até que este se isole em si mesmo.

A cadeia da metáfora da água não termina neste ponto. A última alusão aos "olhos de ressaca" está no capítulo CXXXII:

*"Revelava-me estas metáforas; cheiram ao mar
e à maré que deram morte ao meu amigo e com-
borço Escobar. Cheiram também aos olhos de
ressaca de Capitu. Assim posto fosse homem da
terra, conto aquela parte de minha vida como
um marujo contaria o seu naufrágio." (Dom
Casmurro p. 140)*

Tendo a ressaca uma espécie de força para antecipar o tipo de morte de Escobar (afogamento), é fácil ver que Ben-

to associa a mulher ao mar traiçoeiro, que traga suas vítimas - Escobar e ele próprio.

Foge-se, assim, da segunda comparação que Bento tentou fazer, ligando Capitu à deusa Tétis, embora esta seja, conforme a Mitologia, mãe de Aquiles, o filho que foi mais forte que o pai, Peleu, um mortal. A relação entre Bento e seu filho Ezequiel pode ser analisada sob este prisma, pois o pai passa a ver no filho os traços exatos de Escobar, o que o faz perder-se ainda mais em dúvidas e nas eternas verdades aparentes.

Dois críticos da obra machadiana, tal como a personagem Bento, aproximaram Capitu das divindades ligadas à água: Eugênio Gomes e Mário de Andrade. Ambos, porém, fugiram de comparar Capitu da mesma forma que Bento, tendo este citado a deusa Tétis. Ligaram-na, em vista do pensamento de Bento sobre o adultério e a perfídia que ele passou a ver em Capitu, a divindades algo mais "Terríveis" do que Tétis.

Mário de Andrade, dizendo que na obra de Machado as mulheres são piores do que os homens, aproximou a mulher machadiana da deusa Vênus, de um modo que, porém, nada tem a ver com os padrões do Romantismo. A Vênus que o crítico vê em Machado difere totalmente da encantadora deusa da beleza e do amor, e é assim descrita:

"Vênus nasce do mar, salgadíssima, e a maré montante que triunfalmente a transporta inunda a terra dos homens. E é vê-los se debatendo, coitadinhos. No fim, se afogam." (ANDRADE, 1974)

A visão de Mário de Andrade é genérica em relação à mulher em Machado de Assis, mas o modo como o crítico dá a idéia do naufrágio ou do afogamento é aplicável ao caso de Dom Casmurro. Já Eugênio Gomes tem uma visão especificamente sobre Capitu, quando diz que Machado procurou uma estilização do mito da Mãe d'Água, disfarçado "numa intriga da pequena burguesia urbana" (GOMES, 1958). Capitu, para Eugênio Gomes, é uma espécie de "Mãe d'Água" na medida em que atrai, "com o poder falacioso de uma onda marinha" (GOMES, 1958) e provoca ciúmes depois, isto é, como esta divindade, atrai e destrói os homens.

As visões destes críticos, vão, de certa maneira, ao encontro da visão de Bento sobre Capitu, uma vez que ela passa a ser, para ele, a força que o "destrói". É novamente aqui que se percebe a visão introvertida de Bento, desta vez sobre a mulher, o que acaba por fazê-lo vítima de sua própria imaginação. Novamente citando o capítulo CVII, "Ciúmes do

Mar", é possível provar como "funciona" a imaginação de Bento, que, vendo que a mulher não lhe prestava a devida atenção, teve ciúmes daquilo em que ela poderia estar pensando, e não do que estivesse "acima ou fora" da cabeça de Capitu. Um capítulo bem anterior a este, "Uma Água" (XL), é capaz de denunciar, pelas próprias palavras de Bento, a fertilidade da imaginação deste:

"Já conheceis as minhas fantasias. Contei-vos a da visita imperial; disse-vos a desta casa do Engenho Novo, reproduzindo a de Matacavalos... A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas correndo. (...) a minha imaginação era uma grande água líbera; a menor brisa lhe dava um potro." (Dom Casmurro, p. 56)

A partir disso, é possível saber porque Bento prefere crer no verossímil. Fechado em sua imaginação, torna-se vítima dela, possivelmente "nafragando" mais por este motivo do que pela força da Mãe d'Água/Capitu...

A metáfora shakespeariana da água, conforme se viu tem lugar certo em Machado de Assis. O que ocorre, porém, é que esta metáfora se desdobra, vai além. Começa por exprimir a falsidade ou a volubilidade da mulher, como no *Otelo* de Shakespeare, e, mais tarde passa a ser um dado psicológico de Bento, isto é, passa à "ressaca". Esta será um símbolo da destruição, como um "mar agitado" que levou a todos - Escobar, Ezequiel e principalmente Bento - ou onde os homens, Bento e Escobar, naufragaram.

5) O CARÁTER HUMANO DAS PERSONAGENS DE MACHADO DE ASSIS

Antes, e mesmo à época de Machado de Assis, via-se, que a preferência dos ficcionistas brasileiros estava na temática voltada para a vida brasileira, excetuando-se aqueles que enveredaram pelo regionalismo ou pelo indianismo.

José Guilherme Merquior (MERQUIOR, 1977) cita três funções históricas da arte literária: 1) edificação moral; 2) divertimento e 3) problematização da vida, sendo esta terceira função o intento da literatura contemporânea. Para Merquior, Machado de Assis foi o primeiro ficcionista brasileiro que se preocupou em demonstrar essa visão problematizadora

da vida, enquanto a literatura já feita - até mesmo a primeira fase machadiana - permanecia ingenuamente atrelada às duas outras funções.

Em que medida, portanto, a visão problematizadora da vida aparece em Machado? Já foi dito que a temática preferencial da ficção no Brasil era justamente a vida brasileira urbana, cotidiana e familiar. Em Machado de Assis aparece esta temática, uma vez que o autor a utiliza para chegar onde seus antecessores não mostraram intenção de chegar: à alma humana, mostradora de cada individualidade. Pode-se perceber, então, que na ficção machadiana existem personagens brasileiros - cariocas, gaúchos, nortistas - que antes de o serem, são homens e mulheres portadores de sentimentos, de traços (maus, em sua maioria) de caráter. Desta maneira, inaugura-se no Brasil a narrativa psicológica, através do romance de Machado de Assis.

Segundo a idéia de Lúcia Miguel-Pereira (MIGUEL-PEREIRA, 1950), é por essa característica de "inaugurador da narrativa psicológica brasileira" que Machado não pertence a qualquer dos rumos já existentes na ficção daquela época. Alencar, por exemplo, buscava o homem brasileiro, "selvagem" (Iracema, O Guarani). Macedo, Taunay e até mesmo Almeida também buscavam o homem brasileiro, embora sob aspectos diferentes do projeto alencariano. Já Machado de Assis lançou-se na busca do homem em si mesmo.

Na busca deste "homem em si mesmo", isto é, na chamada problematização da vida, é que vai aparecer em Machado aquilo que o já citado Merquior chama de "prosa impressionista". Esta "engendra o romance psicológico de tipo moderno, ou seja, de estrutura não linear" (MERQUIOR, 1977), e aqui, Dom Casmurro, com um narrador relatando suas memórias, é exemplo claro disso. Também o próprio discurso do narrador - uma espécie de "discurso vivido" - é marca deste novo romance, psicológico.

Pela técnica do discurso vivido é possível perceber que o autor capta a vida interior do indivíduo - Bento, no caso de Dom Casmurro. O elemento "ciúme" desta narrativa prova a incursão de Machado na vida psicológica de suas criaturas. Este romance pode ser interpretado "como um caso vulgar de adultério" (MIGUEL-PEREIRA, 1950), mas antes de "condená-lo" a isso, sublinhando o que foi dito no capítulo anterior, Dom Casmurro mostra como age a mente de um homem ciumento. O ciúme de Bento é decisivo na denúncia do caráter deste (a fixação, a introversão, etc). Assim ocorre em Machado: características das personagens denunciam traços de seu caráter. Outro exemplo é capitu e seus olhos: "de cigana oblíqua e dissimulada" para José Dias, "olhos de ressaca" para Bento, eles

nos deixam entrever o caráter desta personagem, mesmo que seja pelos olhos dos outros. Desta forma, o que Machado de Assis propôs foi mostrar o funcionamento das mentes - tal como a do ciumento Bentinho, que tem em si o Otelo e o Iago shakespearianos. E é por este caráter humano presente nas personagens e pela incursão na alma do indivíduo, morada do bem e do mal em todos os seres humanos, que o autor Machado de Assis apresenta as misérias das condições dos homens, certamente entre elas o ciúme.

CONCLUSÃO

A tentativa de aproximar Dom Casmurro do Otelo de Shakespeare, analisando estas duas obras do ponto de vista do ciúme, trouxe novamente à tona o que, possivelmente, muito intrigou a crítica por longo tempo. Capitu, afinal de contas, traiu ou não traiu o marido? Esta pergunta - não se pode negar - ainda hoje causa uma certa "comichão" na mente de muitos...

Impossível, na verdade, reduzir uma obra Dom Casmurro à simples cata de uma resposta a esta pergunta. Ratificando o que foi anteriormente estudado, talvez Machado nem estivesse tão interessado assim na (in)fideliidade de Capitu. Acima da mulher (in)fiel, da mãe superprotetora, do amigo e (quem sabe?) comborço e até mesmo do homem que se julga traído, está a presença da miséria humana. O ciúme demonstrado por Bento é, certamente, semelhante ao de Otelo, e nesta tragédia de Shakespeare também estão presentes as fraquezas dos seres humanos levando-os à miséria total.

Se for realizada uma análise pouco mais profunda, é constatável que muito da obra de Machado de Assis, especialmente sua segunda fase, versa quase sempre, sobre o tema da miséria humana. Em Dom Casmurro, como no Otelo, o ciúme que Bento manifestou surge, pelo que foi visto nesta análise, como uma das marcas da mísera condição humana, assim como em Memórias Póstumas de Brás Cubas a miséria está na vida burguesa que o personagem-narrador relata ao leitor com peculiar ironia.

Assim, a própria vida em Memórias Póstumas de Brás Cubas e o ciúme em Dom Casmurro mostram a visão de mundo e de ser humano que o autor, Machado de Assis, possuía. A solidão de Bento, ao final da narrativa, causada pelo doentia idéia da traição ao longo de sua vida adulta, sugere ao leitor que, para Machado, a condição humana, burguesa, leva a este contínuo isolamento em direção à ruína total. Bento é, realmente, um Otelo que não se suicida ao final da história, mas que vi-

veu atormentado pela suposta infidelidade de Capitu/Desdêmona até cair na solidão quase completa. Aquilo que sobrou não lhe era satisfatório: mulheres e amigos que fracamente conviviam com ele. Apenas a casa, reconstituição de seu mundo adolescente, é que parecia satisfazê-lo, tendo provocado o relato de suas memórias, mas, por outro lado reforçando o traço introvertido do caráter do personagem.

Aqui, Shakespeare e Machado, Otelo e Dom Casmurro são mais possíveis de terem entre si um traço de aproximação, muito além da questão sobre a infidelidade das mulheres, Desdêmona e Capitu. O fato principal é que ambos os autores, ao contruírem personagens de mentes doentias, como Bento, Iago e Otelo, fizeram com que estes fossem capazes de confirmar a visão de mundo de seus criadores: a vida é algo muito próximo da ruína.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1974.
- GLEDSON, John. Machado de Assis: impostura e realismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOMES, Eugênio. Machado de Assis. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- _____. Machado de Assis: influências inglesas. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1976.
- KOTT, Jan. Shakespeare, nosso contemporâneo. Lisboa: Portugália Editora, 1961.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Ressurreição. São Paulo: Jackson Editores, 1937.
- _____. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- _____. Contos Avulsos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- _____. Dom Casmurro. São Paulo: Ática, 1989.
- MERQUIOR, José Guilherme. De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MEYER, Augusto. Machado de Assis. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Prosa de ficção. São Paulo: José Olympio, 1950.

SHAKESPEARE, William. Otelo (tradução de Onestaldo de Pennafort). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SPALDING, Tássilo Orpheu. Dicionário de mitologia greco-latina. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1965.